Giannis Ritsos: *Grecidade / Ρωμισύνη*

Tradução, notas e revisão:

Roger Sulis, Marcelo Jolkesky, Apóstolo Nicolacópulos

I

Estas árvores não sossegam com menos céu,
estas pedras não sossegam sob passos estrangeiros,
estas faces não sossegam a não ser sob o sol,
estes corações não sossegam a não ser com a justiça.

Esta paisagem é dura como o silêncio,
cerca no seu seio suas rochas incandescentes,
cerca na luz suas oliveiras órfãs e suas vinhas,
cerca os dentes. Não existe água. Somente luz.
O caminho perde-se na luz e a sombra do curral é ferro.

Marmorizaram as árvores, os rios e as vozes calcinados pelo sol.
A raiz tropeça no mármore. Os lentiscos empoeirados.
A mula e a rocha. Ofegam. Não existe água.

Todos têm sede. Há muito tempo. Todos mascam um bocado de
céu sobre sua amargura.

Seus olhos estão vermelhos da vigília,
um vinco fundo acunhado entre suas sobrancelhas
como um cipreste entre duas montanhas no pôr-do-sol.

Suas mãos estão coladas no rifle,
o rifle é uma extensão das suas mãos,
suas mãos são uma extensão das suas almas –
têm sobre seus lábios a ira
e no fundo dos seus olhos a mágoa
como uma estrela em uma fossa de sal.

Quando apertam as mãos o sol surge para o mundo,
quando sorriem uma pequena andorinha foge-lhes das barbas
selvagens,
quando dormem doze astros caem dos seus bolsos vazios,
quando se matam a vida segue adiante com bandeiras e tambores.

Há tantos anos todos têm fome, todos têm sede, todos se matam
sitiados por terra e mar;
o calor devorou seus campos e a salinidade regou suas casas,
o vento derrubou suas portas e as poucas primaveras da praça,
pelos buracos dos seus sobretudos entra e sai a morte,
suas línguas são acres como o fruto do cipreste;
seus cães morreram abraçados nas suas sombras;
a chuva bate nos seus ossos.

Em cima das guaritas petrificados fumam o estrume e a noite
mantendo um olho no mar enfurecido onde afundou
o mastro quebrado da lua.

O pão acabou, as balas acabaram,
agora carregam seus canhões somente com seus corações.

Há tantos anos sitiados por terra e mar,
todos têm fome, todos se matam e ninguém morreu –
em cima das guaritas brilham seus olhos,
uma grande bandeira, um grande incêndio rubro
e cada alvorada milhares de pombas fogem das suas mãos
para as quatro portas do horizonte.

II

Cada vez que anoitece com o tomilho chamuscado no seio da
pedra
há uma gota d'água que cava desde há muito o silêncio até a
medula
há um sino pendurado no velho plátano que chama os anos.

Fagulhas dormitam nas cinzas da desolação
e os tetos meditam sobre a penugem dourada no lábio superior
de Julho
– penugem amarela como a borla do milho fumado pela tristeza
do ocidente.

A Virgem deita-se entre os mirtos com seu vestido largo
manchado pelas uvas.

No caminho um menino chora e responde do campo
a ovelha que perdera seus filhos.

Sombra na fonte. O barril congelado.
A filha do ferrador com os pés ensopados.
Em cima da mesa o pão e a oliva,
em meio ao parreiral o candil da estrela-d'alva
e lá no alto, girando no seu espeto, a via-láctea recende
a gordura queimada, alho e pimenta.

Ah, que fio de seda estrelado será preciso
para as agulhas dos pinheiros bordarem
sobre o curral chamuscado do verão "isso também passará",
quanto ainda a mãe atormentará seu coração pelos seus sete
filhos sacrificados
até que a luz encontre seu caminho na ladeira da sua alma.

Este osso que sai da terra
mede palmo a palmo a terra e as cordas do alaúde
e o alaúde à tardinha com o violino até a alvorada
contam sua tristeza aos rosmaninhos e pinheiros
e os cordames murmuram nos barcos como liras
e o marinheiro bebe mar amargo na caneca de Odisseu.

Ah, quem fechará então a entrada e que espada cortará a
coragem
e que chave te trancará o coração que com suas duas meias-
portas escancaradas
olha os jardins de Deus salpicados de estrelas?

Longa hora como as Noites de Sábado em Maio na taverna dos
marinheiros,
noite longa como a fôrma na parede do funileiro,
longa canção como o pão na ceia do pescador de esponjas.
E eis que a lua de Creta rola as pedras,
gap, gap, com vinte fileiras de pregos nas suas botas,
e ei-los aqueles que sobem e descem as escadas de Náuplia¹
enchendo seus cachimbos com folhas grossas de escuridão,
com seus bigodes como o tomilho rumeliota² borrifado de estrelas
e com seus dentes tal qual uma raiz de pinheiro nas rochas do
Egeu e sal.

Lançaram-se ao ferro e ao fogo, conversaram com as rochas,
brindaram a morte com áraque na caveira dos seus avós,
nas mesmas Eiras encontraram o Digenis³ e voltaram-se à ceia
cortando a tristeza em dois assim como cortam nos joelhos seu
pão de cevada.

Venha senhora dos cílios salgados, da mão dourada
pela preocupação com os pobres e pelos muitos anos –
o amor te aguarda entre os lentiscos,
na sua caverna a gaivota pendura teu ícone negro
e o amargurado ouriço do mar beija a unha do teu pé.

Dentro da uva negra da videira ferve o mosto rubro,
ferve o broto no azevinho queimado,
no chão a raiz do morto procura por água para brotar um abeto
e a mãe segura firme uma faca sob suas rugas.

Venha senhora que choca os ovos dourados do raio –
quando num dia azul-marinho tirarás o lenço da cabeça e
pegarás novamente as armas
para te bater na fronte o granizo de Maio
para o sol despedaçar-se como uma romã no teu colo de algodão
para dividi-lo sozinha grão por grão entre teus doze órfãos,
para brilhar por toda a parte a praia como brilha o gume da
espada e a neve de Abril
e para o caranguejo ir ao cascalho aquecer-se e cruzar suas
pinças.

III

Aqui o céu não reduz nem por um momento o óleo dos nossos
olhos –
aqui o sol carrega a metade do peso da pedra que levamos nas
costas;
as telhas quebram sem um ai sob o joelho do meio-dia,
os homens andam à frente das suas sombras como os golfinhos
na frente dos caíques de Esquiatos⁴
mais tarde suas sombras tornam-se uma águia que pinta suas
asas no pôr-do-sol
e ainda mais tarde aninha-se nas suas cabeças e contempla os
astros
quando se deitam no terraço com as passas negras.

Aqui cada porta tem um nome entalhado há mais ou menos três
mil e tantos anos,
cada rocha tem um santo desenhado de olhos ferozes e cabelos
trançados,
cada homem tem na sua mão esquerda marcada com picadas
de agulha uma sereia vermelha,
cada moça tem um punhado de luz salgada debaixo da sua saia
e as crianças têm cinco ou seis cruzinhas de amargura sobre
seus corações
como os rastros do passo das gaivotas na areia à tarde.

Não é necessário lembrares. Sabemos.
Todos os caminhos conduzem às Altas Eiras⁵. O ar é cortante lá
em cima.

Quando se desgasta ao longe o afresco minóico do ocidente
e apaga-se o incêndio no palheiro da praia,
as velhas sobem até aqui pelas escadas escavadas na rocha
sentam-se na Pedra Grande fiando o mar com os olhos,
sentam-se e ficam a contar as estrelas como se contassem os
talheres prateados dos seus ancestrais
e descem tarde para alimentar seus netos com a pólvora de
Messolongui⁶.

Sim, verdade, o Cativo⁷ tem duas mãos tão tristes amarradas,
contudo sua sobranceira se move como a rocha que sempre
está para se desprender
acima do seu olho amargo.
Do fundo sobe essa onda que não conhece súplicas,
do alto rola esse ar com uma veia de resina e pulmão de salva.

Ah, que sobre uma vez, para derrubar as laranjeiras
da lembrança,
ah, que sobre duas, para a pedra férrea soltar faíscas como
uma espoleta,
ah, que sobre três e que enlouqueça as florestas de abetos de
Liácura⁸,
que bata uma vez com seu punho para a tirania ir pelos ares
e que arranque o anel da noite da urso e dance tsâmico⁹ para
nós bem no meio do baluarte
enquanto a lua bate como um tamborim até encher as varandas
das ilhas
de crianças estremunhadas e mães suliotas¹⁰.

Um mensageiro chega do Vale Grande cada manhã,
no seu rosto brilha o sol suado,
sob seu braço segura firme a grecidade
como o trabalhador segura seu chapéu dentro da igreja.
“Chegou a hora”, diz. “Estai prontos.
Cada hora é a nossa hora”.

IV

Embrenharam-se madrugada adentro com o desdém do homem
que tem fome,
nos seus olhos inertes coalhara uma estrela,
nos seus ombros carregavam o verão ferido.

Por aqui passou o exército com os estandartes colados ao corpo
com a teimosia mordida entre seus dentes como uma pêra
verde,
com a areia da lua dentro das suas botas grossas
com o cisco da noite colado nas suas narinas e nos seus ouvidos.

De árvore em árvore, de pedra em pedra atravessaram o mundo,
com um travesseiro de espinhos atravessaram o sono.
Traziam a vida como um rio nas suas mãos secas.

A cada passo ganhavam um palmo de céu – para cedê-lo.
Em cima das guaritas empederniam-se como as árvores
chamuscadas,
e quando dançavam na praça, dentro das casas tremiam os tetos
e ressoavam os cristais nas prateleiras.

Ah, que canção balançou os picos das montanhas –
entre seus joelhos seguravam a pequena tigela da lua e ceavam,
e espremiavam o ai do fundo dos seus corações
como se espremessem um piolho entre suas unhas grossas.

Quem te trará agora o pão quente no meio da noite para
alimentares os sonhos?
Quem ficará na sombra da oliveira fazendo companhia à cigarra,
para que não silencie a cigarra,
agora que a cal do meio-dia pinta todos os lados do curral do
horizonte
apagando seus grandes nomes viris?

Esta terra que recendia nas alvoradas,
a terra que era deles e nossa – sangue deles – como cheirava a
terra –
e agora como nossas vinhas trancaram suas portas,
como minguou a luz nos telhados e nas árvores –
quem diria que uns se encontram debaixo da terra
e os outros presos?

O sol te acena bom-dia com tantas folhas,
o céu brilhando com tantos estandartes,
e uns presos e outros debaixo da terra.

Cala-te, a qualquer momento soarão os sinos.
Esta terra é deles e nossa.
Debaixo da terra, nas suas mãos cruzadas
seguram a corda do sino – aguardam a hora, não dormem, não
morrem,
aguardam para soarem a ressurreição. Esta terra
é deles e nossa – ninguém nos pode tomá-la.

V

Sentaram embaixo das oliveiras à tarde
peneirando a luz cinzenta com seus dedos ásperos,
tiraram suas cartucheiras e calculavam quanto labor coube na
trilha da noite,
quanta amargura nos nós da malva-selvagem,
quanta coragem nos olhos do menino descalço que segurava a
bandeira.

Ficara além da hora no campo a última andorinha,
equilibrava-se no ar como uma tarja negra na manga do outono.
Nada mais restava. Somente as casas queimadas ainda
fumegavam.

Os outros nos deixaram há tempo embaixo das pedras,
com suas camisas rasgadas e com seu juramento escrito na
porta caída.
Ninguém chorou. Não tínhamos tempo. Só o silêncio aumentava
e lá embaixo na praia a luz estava arrumada como a casa da
morta.

E agora o que será deles quando a chuva chegar na terra com
as folhas podres de plátanos?
o que será deles quando o sol secar no cobertor das nuvens
como um percevejo esmagado numa cama de aldeia?
quando a cegonha da neve parar embalsamada na chaminé de
ontem à noite?

Mães velhas jogam sal na fogueira, jogam terra nos seus cabelos,
desarraigaram as vinhas de Monovassia¹¹ para que nenhuma
uva negra adoçasse a boca dos inimigos,
colocaram em uma sacola os ossos dos seus avós junto com os
talheres
e perambulam fora dos muros da sua pátria procurando um
lugar para se arraigarem à noite.

Será difícil encontrarmos agora uma língua,
menos forte, menos pétrea que a da cerejeira –
aquelas mãos que restaram nos campos
ou em cima das montanhas, ou embaixo do mar,
não esquecem, nunca esquecem –
será difícil esquecermos suas mãos
será difícil para as mãos que criaram calos dos gatilhos
perguntarem a uma margarida,
dizerem obrigado de joelhos, sobre o livro
ou no seio do brilho das estrelas.

Será necessário tempo. E temos que falar.
Até que encontrem seu pão e seus direitos.

Dois remos pregados na areia ao amanhecer a borrasca. Onde
está o bote?
Um arado cravado na terra, e o vento soprando.
Terra queimada. Onde está o lavrador?

Cinzas a oliveira, a videira e a casa.
Noite mesquinha com suas estrelas dentro da meia de algodão.

Louro seco e orégano no armário do meio da parede. O fogo
não os tocou.
PANELA DE BARRO enegrecida na lareira – e ferve
sozinha a água na casa trancada. Não chegaram a tempo para
comer.

Sobre sua porta queimada as veias da mata – corre o sangue
nas veias.

E eis o passo conhecido. Quem é?

Na ladeira os passos conhecidos com tachas.

O arrastar da raiz na pedra. Alguém chega.

A senha, a contra-senha. Irmão. Boa-tarde.

A luz então encontrará suas árvores, a árvore encontrará seu fruto.

O cantil do morto ainda tem água e luz.

Boa-tarde, meu irmão. Boa-tarde.

Na sua cabana de madeira a velha vésper vende especiarias e
linhas.

Ninguém compra. Foram para as montanhas.

Difícil descenderem agora.

Difícil até mesmo dizerem sua altura.

Na eira onde uma noite jantaram os heróis

ficam os caroços de olivas e o sangue seco da lua

e o decapentassílabo das suas armas.

Ficam ao redor os ciprestes e os bosques de louros.

No outro dia os pardais comeram as migalhas do seu pão,

as crianças fizeram brinquedos com seus fósforos

que acenderam seus cigarros e os espinhos das estrelas.

E a pedra onde sentaram sob as oliveiras à tarde de frente ao mar,
amanhã se tornará cal na fornalha,
depois de amanhã cairemos nossas casas e o murinho da
Santa Salvadora¹²,
no dia seguinte plantaremos a semente lá onde adormeceram,
e um broto de romãzeira
reventará como o primeiro riso do bebê no seio da luz do sol.

E mais tarde sentaremos no chão para lermos seus corações
como se lêssemos do começo a história do mundo.

VI

Assim com o sol contra o peito no mar que caleia o lado oposto
do dia,
conta em dobro e tresdobro o trancar e a tortura da sede,
conta do começo a velha ferida,
e o coração tosta na brasa como as cebolas vaticiotas¹³ em
frente às portas.

Enquanto vão mais suas mãos se parecem com a terra,
enquanto vão mais seus olhos se parecem com o céu.

Esvaziou-se a talha de azeite. Pouca borra no fundo. E o rato
morto.

Esvaziou-se a coragem da mãe com a jarra de barro e a cisterna.
As gengivas do deserto tornam-se amargas com a pólvora.

Onde haveria azeite agora para o candil de Santa Bárbara¹⁴,
onde haveria hortelã para turibular o ícone dourado da tarde,
onde haveria um bocado de pão para a noite mendiga tocar
sua serenata na lira.

No castelo do alto da ilha as figueiras-da-barbaria e os
asfódelos tornaram-se fantasmas.
A terra escavada pela canhonada e pelos túmulos.
O Comando demolido boceja remendado com céu. Não há
mais nenhum lugar
para outros mortos. Não há lugar para a tristeza ficar e trançar
seus cabelos.

Casas queimadas que observam com olhos arrancados o mar
marmoreado
e as balas cravadas nas paredes
como as facas nas costelas do Santo que amarraram no cipreste.

O dia todo os mortos se aquecem de costas ao sol,
e somente quando anoitece os soldados rastejam o ventre sobre
as pedras esfumaçadas,
procuram com as narinas o ar sem morte,
procuram os sapatos da lua mascando um pedaço de sola,
batem com os punhos na rocha talvez rebente o olho-d'água,
mas do outro lado a parede é oca
e ouvem novamente a batida do projétil com muitos giros
caindo no mar
e ouvem mais uma vez o berro dos feridos em frente ao portão.

Para onde ir? Teu irmão te chama.
A noite formada por todos os lados pelas sombras de barcos
estrangeiros.
Os caminhos fechados com barricadas.
Somente para as montanhas ainda há caminhos.
E eles mandam os barcos à merda e mordem as línguas
para ouvir sua dor que não se tornou osso.

Em cima das seteiras os capitães mortos guardam eretos a
fortaleza;
debaixo das suas roupas se dissolve sua carne. Hei, irmão, não
cansaste?

Brotou a bala dentro do teu coração,
cinco jacintos despontaram sob os braços da rocha seca,
a cada respiração o olor lê o conto de fadas – não te lembras?
a cada dentada o ferimento te conta a vida,
a camomila brotada na imundice da unha do dedão do teu pé
te conta a beleza do mundo.

Pegas a mão. É tua. Úmida pela salinidade.
É teu o mar. Enquanto arrancas o cabelo da cabeça do silêncio
goteja amargo o leite da figueira. Onde quer que estejas o céu
te vê.

A estrela-d'alva enrola tua alma nos seus dedos como um cigarro,
para que fumes tua alma deitado de costas,
molhando tua mão esquerda no céu estrelado
e o rifle colado na tua mão direita como tua noiva,
para lembrares que o céu nunca te esqueceu
quando tirares do bolso interno sua velha carta
desdobrando a lua com dedos queimados lerás brio e glória.

Mais tarde subirás na guarita mais alta da tua ilha
e usando uma estrela como munição atirarás ao vento
acima dos muros e mastros
acima das montanhas que se curvam como soldados feridos
e só assim gritarás para que os fantasmas se escondam na
coberta da sombra –

Atirarás em cheio no seio do céu para encontrares o sinal azul
como se encontrasses sobre a camisa
o mamilo da mulher que amanhã amamentará teu filho
como se encontrasses depois de anos o trinco do portão da
casa dos teus pais.

VII

A casa, o caminho, a figueira-da-barbaria, a casca do sol que
as galinhas ciscam no cercado.
Conhecemos, nos conhecem. Aqui embaixo entre os espinheiros
a cobra abandonou sua camisa amarela.

Aqui embaixo estão a cabana da formiga e o castelo com
muitas seteiras da vespa,
na mesma oliveira a casca da cigarra do ano passado e a voz
da cigarra deste ano,
nos lentiscos tua sombra te segue como um cão taciturno, muito
torturado,
cão fiel – nos meios-dias senta ao lado do teu sono terroso
cheirando os oleandros,
às noites se enrola nos teus pés olhando uma estrela.

Há uma quietude de pêras que crescem nas pernas do verão,
uma sonolência de água que sempre vagueia nas raízes das
alfarrobeiras;
a primavera tem sete órfãos adormecidos no seu colo,
uma águia moribunda nos seus olhos,
e lá no alto, atrás do pinheiral,
seca a ermida de São João Jejuador¹⁵
como a titica branca do pardal que seca no calor em uma folha
larga de amoreira.

Esse pastor enrolado na sua pele de ovelha
tem um rio seco em cada pêlo do seu corpo
tem uma floresta de carvalhos em cada buraco da sua flauta
e seu cajado tem os mesmos nós
do primeiro remo que bateu o azul do Helesponto.

Não é necessário lembrares. A veia do plátano
tem teu sangue, assim como o asfódelo da ilha e a alcaparreira.

Ao meio-dia o poço mudo iça do fundo
uma voz arredondada de vidro negro e vento branco,
uma voz arredondada como as talhas velhas – a mesma voz
 antiquíssima,
e o céu enxágua com anil as rochas e nossos olhos.

Toda noite a lua revira os grandes mortos nos campos,
procura seus rostos com dedos selvagens, congelados
para encontrar seu filho pelo corte da mandíbula e pelas
 sobrancelhas pétreas,
procura seus bolsos. Sempre encontrará algo. Algo encontramos.
Um talismã com uma lasca do santo lenho. Um cigarro amassado.
Uma chave, uma carta, um relógio parado às sete.
Damos corda novamente ao relógio. Caminham as horas.

Depois de amanhã quando suas roupas se desmancharem
e ficarem nus entre seus botões militares
assim como ficam os pedaços do céu entre as estrelas veranis
assim como fica o rio em meio aos loendros
assim como vai o caminho entre os limoeiros na entrada da
 primavera,
então pode ser que encontremos seus nomes e pode ser que
 gritemos: eu amo.

Então. Mas novamente essas coisas parecem um pouquinho
longe demais,
parecem um pouquinho perto demais, como quando apertas a
mão de alguém no escuro e dizes boa-tarde
com a cordialidade amarga do emigrante quando volta a sua
terra natal
e nem os seus o reconhecem,
porque ele conheceu a morte
e conhecera a vida antes da vida e acima da morte
e os reconhece. Não se amargura. Amanhã, diz. E está certo
de que o caminho mais longo é o mais próximo ao coração de
Deus.

E eis que chega a hora em que a lua o beija atrás da orelha
com alguma aflição,
as algas, o pote de flor, o banco, e a escadaria de pedra lhe
dizem boa-tarde
e as montanhas e os mares e as cidades e o céu lhe dizem boa-
tarde
e só então sacudindo a cinza do seu cigarro da balaustrada da
varanda
pode chorar pela sua certeza
pode chorar pela certeza das árvores e das estrelas e dos seus
irmãos.

Atenas, 1945-1947

ΓΙΆΝΝΙΣ RITSOS: GRECIDADE / *Ρωμιοσύνη*

I

Αυτά τα δέντρα δε βολεύονται με λιγότερο ουρανό,
αυτές οι πέτρες δε βολεύονται κάτω απ' τα ξένα βήματα,
αυτά τα πρόσωπα δε βολεύονται παρά μόνο στον ήλιο,
αυτές οι καρδιές δε βολεύονται παρά μόνο στο δίκιο.

Ετούτο το τοπίο είναι σκληρό σαν τη σιωπή,
σφίγγει στον κόρφο του τα πυρωμένα του λιθάρια,
σφίγγει στο φως τις ορφανές ελιές του και τ' αμπέλια του,
σφίγγει τα δόντια. Δεν υπάρχει νερό. Μονάχα φως.
Ο δρόμος χάνεται στο φως κι ο ίσκιος της μάντρας είναι σίδερο.

Μαρμάρωσαν τα δέντρα, τα ποτάμια κ' οι φωνές μες στον ασβέστη
του ήλιου.

Η ρίζα σκοντάφτει στο μάρμαρο. Τα σκονισμένα σκοίνα.
Το μουλάρι κι ο βράχος. Λαχανιάζουν. Δεν υπάρχει νερό.
Όλοι διψάνε. Χρόνια τώρα. Όλοι μασάνε μια μπουκιά ουρανό
πάνου απ' την πίκρα τους.

Τα μάτια τους είναι κόκκινα απ' την αγρύπνια,
μια βαθειά χαρακιά σφηνωμένη ανάμεσα στα φρύδια τους
σαν ένα κυπαρίσσι ανάμεσα σε δυο βουνά το λιόγερμα.

Το χέρι τους είναι κολλημένο στο ντουφέκι,
το ντουφέκι είναι συνέχεια του χεριού τους,
το χέρι τους είναι συνέχεια της ψυχής τους –
έχουν στα χείλια τους απάνου το θυμό
κ' έχουνε τον καημό βαθιά-βαθιά στα μάτια τους
σαν ένα αστέρι σε μια γούβα αλάτι.

Όταν σφίγγουν το χέρι ο ήλιος είναι βέβαιος για τον κόσμο,
όταν χαμογελάνε ένα μικρό χελιδόνι φεύγει μες απ' τ' άγρια γένεια
τους,
όταν κοιμούνται δώδεκα άστρα πέφτουν απ' τις άδειες τσέπες τους,
όταν σκοτώνονται η ζωή τραβάει την ανηφόρα με σημαίες και με
ταμπούρλα.

Τόσα χρόνια όλοι πεινάνε, όλοι διψάνε, όλοι σκοτώνονται
πολιορκημένοι από στεριά και θάλασσα°
έφαγε η κάψα τα χωράφια τους κ' η αρμύρα πότισε τα σπίτια τους,
ο αγέρας έρριξε τις πόρτες τους και τις λίγες πασχαλιές της
πλατείας,
από τις τρύπες του πανωφοριού τους μπεινοβγαίνει ο θάνατος,
η γλώσσα τους είναι στυφή σαν το κυπαρισσόμηλο°
πέθαναν τα σκυλιά τους τυλιγμένα στον ίσκιο τους°
η βροχή χτυπάει στα κόκκαλά τους.

Πάνου στα καραούλια πετρωμένοι καπνίζουν τη σβουνιά και τη
νύχτα
βιγλίζοντας το μανιασμένο πέλαγο όπου βούλιαξε
το σπασμένο κατάρτι του φεγγαριού.

Το ψωμί σώθηκε, τα βόλια σώθηκαν,
τώρα γεμίζουν τα κανόνια τους μόνο με την καρδιά τους.

Τόσα χρόνια πολιορκημένοι από στεριά και θάλασσα,
όλοι πεινάνε, όλοι σκοτώνονται και κανένας δεν πέθανε –
πάνου στα καραούλια λάμπουνε τα μάτια τους,
μια μεγάλη σημαία, μια μεγάλη φωτιά κατακόκκινη
και κάθε αυγή χιλιάδες περιστέρια φεύγουν απ' τα χέρια τους
για τις τέσσερις πόρτες του ορίζοντα.

II

Κάθε που βραδιάζει με το θυμάρι τσουρουφλισμένο στον κόρφο
της πέτρας
είναι μια σταγόνα νερό που σκάβει από παλιά τη σιωπή ως το
μεδούλι
είναι μια καμπάνα κρεμασμένη στο γερο-πλάτανο που φωνάζει τα
χρόνια.

Σπίθες λαγοκοιμούνται μες στη χόβολη της ερημιάς,
κ' οι στέγες συλλογιούνται το μαλαματένιο χνούδι στο πάνω χείλι
του Αλωνάρη
– κίτρινο χνούδι σαν τη φούντα του καλαμποκιού καπνισμένο απ'
τον καημό της δύσης.

Η Παναγία πλαγιάζει στις μυρτιές με τη φαρδειά της φούστα
λεκιασμένη απ' τα σταφύλια.
Στο δρόμο κλαίει ένα παιδί και του αποκρίνεται απ' τον κάμπο
η προβατίνα πούχει χάσει τα παιδιά της.

Ίσκιος στη βρύση. Παγωμένο το βαρέλι.
Η κόρη του πεταλωτή με μουσκεμένα πόδια.
Απάνου στο τραπέζι το ψωμί κ' η ελιά,
μες στην κληματαριά ο λύχνος του αποσπερίτη
και κει ψηλά, γυρίζοντας στη σούβλα του, ευωδάει ο γαλαξίας
καμένο ξύγκι, σκόρδο και πιπέρι.

Α, τι μπρισίμι αστέρι ακόμα θα χρειαστεί
για να κεντήσουν οι πευκοβελόνες
απάνου στην καψαλισμένη μάντρα του καλοκαιριού «κι αυτό θα
περάσει»,
πόσο θα στίψει ακόμα η μάνα την καρδιά της πάνου απ' τα εφτά
σφαγμένα παλληκάρια της
ώσπου να βρει το φως το δρόμο του στην ανηφόρα της ψυχής της.

Τούτο το κόκκαλο που βγαίνει από τη γης
μετράει οργιά-οργιά τη γης και τις κόρδες του λαγούτου
και το λαγούτο αποσπερίς με το βιολί ως το χάραμα
καημό-καημό το λεν στα δυοσμαρίνια και στους πεύκους
και ντιντινίζουν στα καράβια τα σκοινιά σα λύρες
κι ο ναύτης πίνει πικροθάλασσα στην κούπα του Οδυσσέα.

Α, ποιος θα φράξει τότες τη μπασιά και ποιο σπαθί θα κόψει το
κουράγιο
και ποιο κλειδί θα σου κλειδώσει την καρδιά που με τα δυο
θυρόφυλλά της διάπλατα
κοιτάει του Θεού τ' αστροπερίχυτα περβόλια;

Ώρα μεγάλη σαν τα Σαββατόβραδα του Μάη στη ναυτική ταβέρνα,
νύχτα μεγάλη σαν ταψί στου γανωτζή τον τοίχο,
μεγάλο το τραγούδι σαν ψωμί στου σφουγγαρά το δείπνο.
Και να που ροβολάει τα τρόχαλα το κρητικό φεγγάρι,
γκαπ, γκαπ, με είκοσι αράδες προκαδούρα στα στιβάλια του,
και νάτοι αυτοί που ανεβοκατεβαίνουνε τη σκάλα του Αναπλιού
γεμίζοντας την πίπα τους χοντροκομμένα φύλλα από σκοτάδι,
με το μουστάκι τους θυμάρι ρουμελιώτικο πασπαλισμένο αστέρι
και με το δόντι τους πευκόρριζα στου Αιγαίου το βράχο και το
αλάτι.

Μπήκαν στα σίδερα και στη φωτιά, κουβέντιασαν με τα λιθάρια,
κεράσανε ρακί το θάνατο στο καύκαλο του παππουλή τους,
στ' Αλώνια τα ίδια αντάμωσαν το Διγενή και στρώθηκαν στο
δείπνο
κόβοντας τον καημό στα δυο έτσι που κόβανε στο γόνατο το
κριθαρένιο τους καρβέλι.

Έλα κυρά με τ' αρμυρά ματόκλαδα, με φλωροκαπνισμένο χέρι
από την έγνοια του φτωχού κι απ' τα πολλά τα χρόνια –
η αγάπη σε προσμένει μες στα σκοίνα,
μες στη σπηλιά του ο γλάρος σου κρεμάει το μαύρο κόνισμά σου
κι ο πικραμένος αχινιός σου ασπάζεται το νύχι του ποδιού σου.

Μέσα στη μαύρη ρώγα του αμπελιού κοχλάζει ο μούστος
κατακόκκινος,
κοχλάζει το ροδάμι στον καμένο πρίνο,
μέσα στο χώμα η ρίζα του νεκρού ζητάει νερό για να τινάξει ελάτι
κ' η μάνα κάτου απ' τη ρυτίδα της κρατάει γερά μαχαίρι.

Έλα κυρά που τα χρυσά κλωσσάς αυγά του κεραυνού –
πότε μια μέρα θαλασσιά θα βγάλεις το τσεμπέρι και θα πάρεις πάλι
τ' άρματα
να σε χτυπήσει κατακούτελα μαγιάτικο χαλάζι
να σπάσει ρόιδι ο ήλιος στην αλατζαδένια σου ποδιά
να τον μοιράσεις μόνη σου σπυρί-σπυρί στα δώδεκα ορφανά σου,
να λάμψει ολόγυρα ο γιαλός ως λάμπει η κόψη του σπαθιού και τ'
Απριλιού το χιόνι
και νάβγει στα χαλίκια ο κάβουρας για να λιαστεί και να
σταυρώσει τις δαγκάνες του.

Δω πέρα ο ουρανός δε λιγοστεύει ούτε στιγμή το λάδι του ματιο
μας –
δω πέρα ο ήλιος παίρνει πάνω του το μισό βάρος της πέτρας που
σηκώνουμε στη ράχη^ο
σπάνε τα κεραμίδια δίχως αχ κάτου απ' το γόνα του μεσημεριού,
οι άνθρωποι παν μπροστά απ' τον ίσκιο τους σαν τα δελφίνια
μπρος απ' τα σκιαθίτικα καϊκια
ύστερα ο ίσκιος τους γίνεται ένας αϊτός που βάφει τις φτερούγες
του στο λιόγερμα
και πιο ύστερα κουρνιάζει στο κεφάλι τους και συλλογιέται τ'
άστρα
όταν αυτοί πλαγιάζουνε στο λιακωτό με τη μαύρη σταφίδα.

Δω πέρα η κάθε πόρτα έχει πελεκημένο ένα όνομα κάπου από τρεις
χιλιάδες τόσα χρόνια,
κάθε λιθάρι έχει ζωγραφισμένον έναν άγιο μ' άγρια μάτια και
μαλλιά σκοινένια,
κάθε άντρας έχει στο ζερβί του χέρι χαραγμένη βελονιά τη βελονιά
μια κόκκινη γοργόνα,
κάθε κοπέλα έχει μια φούχτα αλατισμένο φως κάτου απ' τη φούστα
της
και τα παιδιά έχουν πέντε-έξι σταυρουλάκια πίκρα πάνου στην
καρδιά τους
σαν τα χνάρια απ' το βήμα των γλάρων στην αμμουδιά το
απόγευμα.

Δε χρειάζεται να θυμηθείς. Το ξέρουμε.
Όλα τα μονοπάτια βγάζουνε στα Ψηλαλώνια. Ο αγέρας είναι αφύς
κει πάνου.

Όταν ξεφτάει απόμακρα η μινωική τοιχογραφία της δύσης
και σβήνει η πυρκαϊά στον αχερώνα της ακρογιαλιάς,
ανηφορίζουν ως εδώ οι γριές απ' τα σκαμμένα στο βράχο
σκαλοπάτια
κάθονται στη Μεγάλη Πέτρα γνέθοντας με τα μάτια τη θάλασσα,
κάθονται και μετράν τ' αστέρια ως να μετράνε τα προγονικά
ασημένια τους κουταλοπίρουνα
κι αργά κατηφοράνε να ταγίσουνε τα εγγόνια τους με το
εσολογγίτικο μπαρούτι.

Ναι, αλήθεια, ο Ελκόμενος έχει δυο χέρια τόσο λυπημένα μέσα στη
θηλειά τους,
όμως το φρύδι του σαλεύει σαν το βράχο που όλο πάει να
ξεκολλήσει
απάνου απ' το πικρό του μάτι.
Από βαθιά ανεβαίνει αυτό το κύμα που δεν ξέρει παρακάλια,
από ψηλά κυλάει αυτός ο αγέρας με ρετσίνι φλέβα και πλεμόνι
αλισφακιά.

Αχ, να φουσήξει μια, να πάρει σβάρνα τις πορτοκαλιές της θύμησης,
Αχ, να φουσήξει δυο, να βγάλει σπίθα η σιδερένια πέτρα σαν
καψούλι,
Αχ, να φουσήξει τρεις και να τρελλάνει τα ελατόδασα στη
Λιάκουρα,
να δώσει μια με τη γροθιά του να τινάζει την τυράγνια στον αγέρα
και να τραβήξει της αρκούδας νύχτας το χαλκά να μας χορέψει
τσάμικο καταμεσής στην τάπια
και ντέφι το φεγγάρι να χτυπάει που να γεμίσουν τα νησιώτικα
μπαλκόνια
αγουροξυπνημένο παιδολόι και σουλιώτισσες μανάδες.

Ένας μαντατοφόρος φτάνει απ' τη Μεγάλη Λαγκαδιά κάθε πρωινό,
στο πρόσωπό του λάμπει ο ιδρωμένος ήλιος,
κάτου από τη μαस्कάλη του κραταεί σφιχτά τη ρωμοσύνη
όπως κρατάει ο εργάτης την τραγιάσκα του μέσα στην εκκλησία.
«Ηρθε η ώρα», λέει. «Νάσαστε έτοιμοι.
Κάθε ώρα είναι η δικιά μας ώρα».

IV

Τράβηξαν ολόισια στην αυγή με την ακαταδεξιά του ανθρώπου
που πεινάει,
μέσα στ' ασάλευτα μάτια τους είχε πήξει ένα άστρο,
στον ώμο τους κουβάλαγαν το λαβωμένο καλοκαίρι.

Από δω πέρασε ο στρατός με τα φλάμπουρα κατάσαρκα,
με το πείσμα δαγκωμένο στα δόντια τους σαν άγουρο γκόρτσι,
με τον άμμο του φεγγαριού μες στις χοντρές αρβύλες τους
και με την καρβουνόσκονη της νύχτας κολλημένη μέσα στα
ρουθούνια και στ' αυτιά τους.

Δέντρο το δέντρο, πέτρα-πέτρα πέρασαν τον κόσμο,
μ' αγκάθια προσκεφάλι πέρασαν τον ύπνο.
Φέρναν τη ζωή στα δυο στεγνά τους χέρια σαν ποτάμι.

Σε κάθε βήμα κέρδιζαν μια οργιά ουρανό – για να τον δώσουν.
Πάνου στα καρπούλια πέτρωναν σαν τα καψαλιασμένα δέντρα,
κι όταν χορεύαν στην πλατεία, μέσα στα σπίτια τρέμαν τα ταβάνια
και κουδουνίζαν τα γυαλικά στα ράφια.

Α, τι τραγούδι τράνταξε τα κορφοβούνια –
ανάμεσα στα γόνατά τους κράταγαν το σκουτέλι του φεγγαριού και
δειπνούσαν,
και σπάγαν το αχ μέσα στα φυλλοκάρδια τους
σα νάσπαγαν μια ψείρα ανάμεσα στα δυο χοντρά τους νύχια.

Ποιος θα σου φέρει τώρα το ζεστό καρβέλι μες στη νύχτα να
ταΐσεις τα όνειρα;
Ποιος θα σταθεί στον ίσκιο της ελιάς παρέα με το τζίτζικι μη
σωπάσει το τζίτζικι,
τώρα που ο ασβέστης του μεσημεριού βάφει τη μάντρα ολόγυρα
του ορίζοντα
σβήνοντας τα μεγάλα αντρίκια ονόματά τους;

Το χώμα τούτο που μοσκοβολούσε τα χαράματα,
το χώμα που είτανε δικό τους και δικό μας – αίμα τους – πώς
μύριζε το χώμα –
και τώρα πώς κλειδώσανε την πόρτα τους τ' αμπέλια μας,
πώς λίγνεψε το φως στις στέγες και στα δέντρα –
ποιος να το πει πως βρίσκονται οι μισοί κάτου απ' το χώμα
κ' οι άλλοι μισοί στα σίδερα;

Με τόσα φύλλα να σου γνέφει ο ήλιος καλημέρα,
με τόσα φλάμπουρα να λάμπει ο ουρανός,
και τούτοι μες στα σίδερα και κείνοι μες στο χώμα.

Σώπα, όπου νάναι θα σημάνουν οι καμπάνες.
Αυτό το χώμα είναι δικό τους και δικό μας.
Κάτου απ' το χώμα, μες στα σταυρωμένα χέρια τους
κρατάνε της καμπάνας το σκοινί – προσμένουνε την ώρα, δεν
κοιμούνται, δεν πεθαίνουν,
προσμένουν να σημάνουν την ανάσταση. Τούτο το χώμα
είναι δικό τους και δικό μας – δε μπορεί κανείς να μας το πάρει.

V

Κάτσανε κάτω απ' τις ελιές το απομεσήμερο
κοσκινίζοντας το σταχτί φως με τα χοντρά τους δάχτυλα,
βγάλανε τις μπαλάσκες τους και λογαριάζαν πόσος μόχτος χώρεσε
στο μονοπάτι της νύχτας,
πόση πίκρα στον κόμπο της αγριομολόχας,
πόσο κουράγιο μες στα μάτια του ξυπόλυτου παιδιού που κράταε
τη σημαία.

Είχε απομείνει πάρωρα στον κάμπο το στερνό χελιδόνι,
ζυγιαζόταν στον αέρα σα μια μαύρη λουρίδα στο μανίκι του
φθινόπωρου.
Τίποτ' άλλο δεν έμενε. Μονάχα κάπνιζαν ακόμα τα καμένα σπίτια.

Οι άλλοι μάς άφησαν από καιρό κάτω απ' τις πέτρες,
με το σκισμένο τους πουκάμισο και με τον όρκο τους γραμμένο
στην πεσμένη πόρτα.
Δεν έκλαψε κανείς. Δεν είχαμε καιρό. Μόνο που η σιγαλιά
μεγάλωνε πολύ
κ' ήταν το φως συγυρισμένο κάτω στο γαλό σαν το νοικοκυριό
της σκοτωμένης.

Τι θα γίνουν τώρα όταν θάρθει η βροχή μες στο χώμα με τα σάπια
πλατανόφυλλα;
τι θα γίνουν όταν ο ήλιος στεγνώσει στο χράμι της συγνεφιάς
σα σπασμένος κοριός στο χωριάτικο κρεβάτι;
όταν σταθεί στην καμινάδα του απόβραδου μπαλσαμωμένο το
λελέκι του χιονιού;

Ρίχνουνε αλάτι οι γριές μανάδες στη φωτιά, ρίχνουνε χώμα στα
μαλλιά τους,
ξερρίζωσαν τ' αμπέλια της Μονοβασιάς μη και γλυκάνει μαύρη
ρώγα των οχτρών το στόμα,
βάλαν σ' ένα σακκούλι των παππούδων τους τα κόκκαλα μαζί με
τα μαχαιροπίρουνα
και τριγυρνάνε έξω απ' τα τείχη της πατρίδας τους ψάχνοντας τόπο
να ριζώσουνε στη νύχτα.

Θάναι δύσκολο τώρα να βρούμε μια γλώσσα πιο της κερασιάς,
λιγότερο δυνατή, λιγότερο πέτρινη –
τα χέρια εκείνα που απομείναν στα χωράφια
ή απάνου στα βουνά ή κάτου απ' τη θάλασσα,
δεν ξεχνάνε, ποτέ δεν ξεχνάνε –
θάναι δύσκολο να ξεχάσουμε τα χέρια τους,
θάναι δύσκολο τα χέρια πούβγαλαν κάλους στη σκανδάλη να
ρωτήσουνε μια μαργαρίτα,
να πουν ευχαριστώ πάνου στο γόνατό τους, πάνου στο βιβλίο
ή μες στο μπούστο της αστροφεγγιάς.

Θα χρειαστεί καιρός. Και πρέπει να μιλήσουμε.
Ώσπου να βρουν το ψωμί και το δίκιο τους.

Δυο κουπιά καρφωμένα στον άμμο τα χαράματα με τη φουρτούνα.
Πούναι η βάρκα;
Ένα αλέτρι μπηγμένο στο χώμα, κι ο αγέρας να φυσάει.
Καμένο το χώμα. Πούναι ο ζευγολάτης;

Στάχτη η ελιά, τ' αμπέλι και το σπίτι.
Βραδιά σπαγγοραμένη με τ' αστέρια της μες στο τσουράπι.

Δάφνη ξερή και ρίγανη στο μεσοντούλαπο του τοίχου. Δεν τ'
άγγιξε η φωτιά.
Καπνισμένο τσουκάλι στο τζάκι – και να κοχλάζει
μόνο του το νερό στο κλειδωμένο σπίτι. Δεν προφτάσανε να φάνε.

Απάνω στο καμένο τους πορτόφυλλο οι φλέβες του δάσους –
τρέχει το αίμα μες στις φλέβες.
Και να το βήμα γνώριμο. Ποιος είναι;
Γνώριμο βήμα με τις πρόκες στον ανήφορο.
Το σύρσιμο της ρίζας μες στην πέτρα. Κάποιος έρχεται.
Το σύνθημα, το παρασύνθημα. Αδελφός. Καλησπέρα.

Θα βρει λοιπόν το φως τα δέντρα του, θα βρει το δέντρο τον καρπό
του.
Του σκοτωμένου το παγούρι έχει νερό και φως ακόμα.
Καλησπέρα, αδερφέ μου. Καλησπέρα.

Στην ξύλινη παράγκα της πουλάει μπαχαρικά και ντεμισέδες η γριά
δύση.
Κανείς δεν αγοράζει. Τράβηξαν ψηλά.
Δύσκολο πια να χαμηλώσουν.
Δύσκολο και να πουν το μπόι τους.

Μέσα στ' αλώνι όπου δειπνήσαν μια νυχτιά τα παλληκάρια
μένουνε τα λιοκούκουτσα και το αίμα το ξερό του φεγγαριού
κι ο δεκαπεντασύλλαβος απ' τ' άρματά τους.
Μένουν ολόγυρα τα κυπαρίσσια κι ο δαφνώνας.

Την άλλη μέρα τα σπουργίτια φάγανε τα ψίχουλα της κουραμάνας
τους,
τα παιδιά φτιάξανε παιχνίδια με τα σπέρτα τους
που ανάψαν τα τσιγάρα τους και τ' αγκάθια των άστρων.

Κ' η πέτρα, όπου καθήσαν κάτω απ' τις ελιές το απομεσήμερο
άντικρυ στη θάλασσα,
αύριο θα γίνει ασβέστης στο καμίνι,
μεθαύριο θ' ασβεστώσουμε τα σπίτια μας και το πεζούλι της Αγιά-
Σωτήρας,
αντιμεθαύριο θα φυτέψουμε το σπόρο εκεί που αποκοιμήθηκαν,
κ' ένα μπουμπούκι της ροδιάς
θα σκάσει πρώτο γέλιο του μωρού στον κόρφο της λιακάδας.

Κ' ύστερα πια θα κάτσουμε κει χάμου να διαβάσουμε όλη την
καρδιά τους
σα να διαβάζουμε πρώτη φορά την ιστορία του κόσμου.

VI

Έτσι με τον ήλιο κατάστηθα στο πέλαγο που ασβεστώνει την
αντικρυνή πλαγιά της μέρας,
λογαριάζεται διπλά και τρίδιπλα το μαντάλωμα και το βάσανο της
δίψας,
λογαριάζεται απ' την αρχή η παλιά λαβωματιά,
κ' η καρδιά ξεροψήγεται στην κάψα σαν τα βατικιώτικα κρεμμύδια
μπρος στις πόρτες.

Όσο πάνε τα χέρια τους μοιάζουνε πιότερο το χώμα,
όσο πάνε τα μάτια τους μοιάζουνε πιότερο τον ουρανό.

Άδειασε το κιούπι με το λάδι. Λίγη μούργα στον πάτο. Κι ο ψόφιος
ποντικός.

Άδειασε το κουράγιο της μάνας μαζί με το πήλινο κανάτι και τη
στέρνα.

Στυφίζουν τα ούλα της ερμιάς απ' το μπαρούτι.

Πού λάδι τώρα πια για το καντήλι της Αγιά-Βαρβάρας,
πού δυόσμος πια να λιβανίσει το μαλαματένιο κόνισμα του
δειλινού,
πού μια μπουκιά ψωμί για τη βραδιά-ζητιάνα να σου παίζει την
αστρομαντινάδα της στη λύρα.

Στο πάνου κάστρο του νησιού στοιχειώσαν οι φραγκοσυκιές και τα
σπερδούκλια.

Το χώμα ανασκαμμένο από το κανονίδι και τους τάφους.
Το γκρεμισμένο Διοικητήριο χάσκει μπαλωμένο με ουρανό. Δεν
έχει πια καθόλου τόπο
για άλλους νεκρούς. Δεν έχει τόπο η λύπη να σταθεί να πλέξει τα
μαλλιά της.

Σπίτια καμένα που αγναντεύουν με βγαλμένα μάτια το
μαρμαρωμένο πέλαγο
κ' οι σφαίρες σφηνωμένες στα τειχιά
σαν τα μαχαίρια στα παΐδια του Άγιου που τον δέσανε στο
κυπαρίσι.

Όλη τη μέρα οι σκοτωμένοι λιάζονται ανάσκελα στον ήλιο,
και μόνο σα βραδιάζει οι στρατιώτες σέρνονται με την κοιλιά στις
καπνισμένες πέτρες,
ψάχνουν με τα ρουθούνια τον αγέρα έξω απ' το θάνατο,
ψάχνουνε τα παπούτσια του φεγγαριού μασουλώντας ένα κομμάτι
μεντζεσόλα,
χτυπάν με τη γροθιά το βράχο μήπως τρέξει ο κόμπος του νερού,
μα απ' την άλλη μεριά ο τοίχος είναι κούφιος
και ξανακούν το χτύπημα με τους πολλούς τους γύρους της οβίδας
πέφτοντας στη θάλασσα
κι ακούν ακόμα μια φορά το σκούξιμο των λαβωμένων μπρος στην
πύλη.

Πού να τραβήξεις; Σε φωνάζει ο αδερφός σου.
Χτισμένη η νύχτα ολόγυρα απ' τους ίσκιους ξένων караβιών.
Κλεισμένοι οι δρόμοι απ' τα ντουβάρια.
Μόνο για τα ψηλά είναι ακόμα δρόμος.
Κι αυτοί μουντζώνουν τα καράβια και δαγκώνουνε τη γλώσσα τους
ν' ακούσουνε τον πόνο τους που δεν έγινε κόκκαλο.

Απάνω στα μεντένια οι σκοτωμένοι καπετάνιοι ορθοί φρουρούν το
κάστρο°
κάτου απ' τα ρούχα τους λειώνουν τα κρέατά τους. Έι, αδέρφι, δεν
απόστασες;

Μπουμπούκιασε το βόλι μέσα στην καρδιά σου,
πέντε ζουμπούλια ξεμυτίσαν στη μασκάλη του ξερόβραχου,
ανάσα-ανάσα η μοσκοβόλια λέει το παραμύθι – δε θυμάσαι;
δοντιά-δοντιά η λαβωματιά σου λέει τη ζωή,
το χαμομήλι φυτρωμένο μες στη λίγδα του νυχιού σου στο μεγάλο
δάχτυλο του ποδαριού
σου λέει την ομορφιά του κόσμου.

Πιάνεις το χέρι. Είναι δικό σου. Νοτισμένο απ' την αρμύρα.
Δικιά σου η θάλασσα. Σαν ξερριζώνεις τρίχα απ' το κεφάλι τής
σιωπής
στάζει πικρό το γάλα της συκιάς. Όπου και νάσαι ο ουρανός σε
βλέπει.

Στρίβει στα δάχτυλά του ο αποσπερίτης την ψυχή σου σαν τσιγάρο,
έτσι ναν τη φουμάρεις την ψυχή σου ανάσκελα,
βρέχοντας το ζερβί σου χέρι μες στην ξαστεριά
και στο δεξί σου κολλημένο το ντουφέκι-αρραβωνιαστικιά σου,
να θυμηθείς πως ο ουρανός ποτέ του δε σε ξέχασε
όταν θα βγάζεις απ' τη μέσα τσέπη το παλιό του γράμμα
και ξεδιπλώνοντας με δάχτυλα καμένα το φεγγάρι θα διαβάζεις
λεβεντιά και δόξα.

Ύστερα θ' ανεβείς στο ψηλό καραούλι του νησιού σου
και βάζοντας καψούλι το άστρο θα τραβήξεις μια στον αέρα
πάνου από τα τειχιά και τα κατάρτια
πάνου από τα βουνά που σκύβουν σα φαντάροι πληγωμένοι
έτσι μόνο και μόνο να χουγιάξεις τα στοιχειά και να τρυπώσουν
στην κουβέρτα του ίσκιου –

θα ρίξεις μian ίσα στον κόρφο τ' ουρανού να βρεις το γαλανό
σημάδι
σάμπως να βρίσκεις πάνου απ' το πουκάμισο
τη ρώγα της γυναίκας που αύριο θα βυζαίνει το παιδί σου
σάμπως να βρίσκεις ύστερ' από χρόνια το χερούλι της εξώπορτας
του πατρικού σπιτιού σου.

VII

Το σπίτι, ο δρόμος, η φραγκοσυκιά, τα φλούδια του ήλιου στην
αυλή που τα τσιμπολογάν οι κόττες.
Τα ξέρουμε, μας ξέρουνε. Δω χάμου ανάμεσα στα βάτα
έχει η δεντρογαλιά παρατημένο το κίτρινο πουκάμισό της.

Δω χάμου είναι η καλύβα του μερμηγκιού κι ο πύργος της σφήγκας
με τις πολλές πολεμίστρες,
στην ίδια ελιά το τσόφλι του περσινού τζιτζικά κ' η φωνή του
φετεινού τζιτζικά,
στα σκοίνα ο ίσκιος σου που σε παίρνει από πίσω σα σκυλί
αμίλητο, πολύ βασανισμένο,
πιστό σκυλί – τα μεσημέρια κάθεται δίπλα στο χωματένιον ύπνο
σου μυρίζοντας τις πικροδάφνες,
τα βράδια κουλουριάζεται στα πόδια σου κοιτάζοντας ένα άστρο.

Είναι μια σιγαλιά από αχλάδια που μεγαλώνουνε στα σκέλια του
καλοκαιριού,
μια νύστα από νερό που όλο χαζεύει μες στις χαρουπιές τις ρίζες^ο
η άνοιξη έχει εφτά ορφανά αποκοιμισμένα στην ποδιά της,
έναν αϊτό μισοπεθαμένο στα μάτια της,
και κει ψηλά, πίσω από το πευκόδασο,
στεγνώνει το ξωκκλήσι του Αη-Γιαννιού του Νηστευτή
σαν άσπρη κουτσουλιά του σπουργιτιού σ' ένα πλατύ φύλλο
μουριάς που την ξεραίνει η κάψα.

Ετούτος ο τσοπάνος τυλιγμένος την προβιά του
έχει σε κάθε τρίχα του κορμιού του ένα στεγνό ποτάμι
έχει ένα δάσος βελανιδιές σε κάθε τρύπα της φλογέρας του
και το ραβδί του έχει τους ίδιους ρόζους
με το κουπί που πρωτοχτύπησε το γαλάζιο του Ελλήσποντου.

Δε χρειάζεται να θυμηθείς. Η φλέβα του πλάτανου
έχει το αίμα σου, το ίδιο και το σπερδούκλι του νησιού κ' η
κάπαρη.

Το αμίλητο πηγάδι από βαθιά ανεβάζει στο καταμεσήμερο
μια στρογγυλή φωνή από μαύρο γυαλί κι άσπρο άνεμο,
μια στρογγυλή φωνή σαν τα παλιά πιθάρια – η ίδια πανάρχαιη
φωνή,
κι ο ουρανός ξεπλένει με λουλάκι τα λιθάρια και τα μάτια μας.

Την πάσα νύχτα το φεγγάρι αναποδογυρίζει στα χωράφια τους
μεγάλους σκοτωμένους,
ψάχνει τα πρόσωπά τους με άγρια, παγωμένα δάχτυλα
να βρει το γιο του απ' την κοψιά του σαγονιού κι απ' τα πέτρινα
φρύδια,
ψάχνει τις τσέπες τους. Πάντα κάτι θα βρει. Κάτι βρίσκουμε.
Ένα φυλαχτό με τίμιο ξύλο. Ένα τσιγάρο στραπατσαρισμένο.
Ένα κλειδί, ένα γράμμα, ένα ρολόι σταματημένο στις εφτά.
Κουρντίζουμε πάλι το ρολόι. Περπατάνε οι ώρες.

Όταν μεθαύριο λειώσουνε τα ρούχα τους
και μένουνε γυμνοί ανάμεσα στα στρατιωτικά κουμπιά τους
έτσι που μένουν τα κομμάτια τ' ουρανού ανάμεσα από τα
καλοκαιριάτικα άστρα
έτσι που μένει το ποτάμι ανάμεσα στις ροδοδάφνες
έτσι που πάει το μονοπάτι ανάμεσα στις λεμονιές στο έμπα της
άνοιξης,
τότε μπορεί να βρούμε τ' όνομά τους και μπορεί να το φωνάξουμε:
αγαπάω.

Τότε. Μα πάλι αυτά τα πράγματα είναι λιγάκι σαν πολύ μακρινά,
είναι λιγάκι σαν πολύ κοντινά, σαν όταν πιάνεις στο σκοτάδι ένα
χέρι και λες καλησπέρα
με την πικρή καλογνωμιά του ξενητεμένου όταν γυρνάει στο
πατρικό του
και δεν τον γνωρίζουνε μήτε οι δικοί του,
γιατί αυτός έχει γνωρίσει το θάνατο
κ' έχει γνωρίσει τη ζωή πριν απ' τη ζωή και πάνου από το θάνατο
και τους γνωρίζει. Δεν πικραίνεται. Αύριο, λέει. Κ' είναι σίγουρος
πως ο δρόμος ο πιο μακρινός είναι ο πιο κοντινός στην καρδιά του
Θεού.

Και να την ώρα που το φεγγάρι τον φιλάει σιμά στ' αυτί με κάποια
στεναχώρια,
τα φύκια, η γλάστρα, το σκαμνί κ' η πέτρινη ανεμόσκαλα τού λένε
καλησπέρα
και τα βουνά κ' οι θάλασσες κ' οι πολιτείες κι ο ουρανός τού λένε
καλησπέρα
και τότε πια τινάζοντας τη στάχτη του τσιγάρου του απ' του
μπαλκονιού τα κάγκελα
μπορεί να κλάψει από τη σιγουριά του
μπορεί να κλάψει από τη σιγουριά των δέντρων και των άστρων
και των αδελφών του.

ΑΘΗΝΑ, 1945-1947

SOBRE OS TRADUTORES

Apóstolo Nicolacópulos é professor de inglês, semântica, e grego na UFSC.

Marcelo Jolkesky é mestrando em lingüística na UEL.

Roger M. Sulis é doutorando em teoria literária na UFSC.

NOTAS:

Título: *Grecidade*

O conjunto da nação grega. O helenismo contemporâneo.

1 *As escadas de Náuplia*

Refere-se às escadas que conduzem à fortaleza de Palamídi e Anáplio, fortificações da cidade de Náuplia, primeira capital da Grécia moderna, e capital da Argólida, Peloponeso.

2 *Rumeliota*

[do turco Rum ili, a terra dos gregos, através do grego Rúmeli] Referente à Grécia central.

3 *Digenis*

Refere-se a Digenis Acritas, guerreiro lendário de Bizâncio, herói da epopéia Basílio Digenis Acritas. A palavra Digenis (nascido de duas origens) indica que o herói havia nascido de duas etnias diferentes: o pai era árabe muçulmano e a mãe grega cristã. Acritas [do grego ákra] = extremo] designa os guardas das fronteiras do Império Bizantino.

4 *Esquiatos*

[Skiathos] Ilha do arquipélago das Espórades Setentrionais.

5 *Altas Eiras*

Ta Psilalônia – Praça da cidade de Patras, no Peloponeso, onde em 1821 os bispos Germanós de Patras e Procópio de Cemitza realizaram uma assembléia, na qual decidiu-se oficialmente pela guerra contra os turcos otomanos.

6 *Messolongui*

Cidade da Grécia central, centro oeste da resistência contra os turcos, enfrentou dois cercos. O primeiro de 1822 a 1823, e o segundo de 1825 a 1826. Com seus recursos esgotados, depois de 12 meses de sítio, na noite de 22 a 23 de abril de 1926, a população da cidade decidiu quebrar o cerco, o que foi chamado de “o êxodo”. Os sitiados conseguiram sair da cidade, mas foram traídos por um desertor e emboscados no monte Zigós. Os que ficaram na cidade incendiaram suas casas destruindo a si mesmos e aos seus inimigos. Este acontecimento inspirou o poema “Os livres sitiados” de Dionýsios Solomós.

7 *Cativo*

Refere-se ao ícone de Khristós Elkómenos (Cristo Cativo) da igreja do mesmo nome, catedral de Monenvassia, terra natal do poeta ao sul do Peloponeso. A igreja data do século XIII.

- 8 *Liácura*
O monte Parnaso na Grécia central, onde se situa o oráculo de Delfos.
- 9 *Tsâmico*
[do etnônimo Tsámis, – Albanês] Dança popular grega originária do Épiro, de ritmo lento e caráter heróico, em compasso 3/4. Foi disseminada pelos cleftes (guerrilheiros gregos das montanhas) durante a ocupação turca.
- 10 *Suliot*
Da Confederação Suliot, conjunto de 122 aldeias do Épiro, que resistiu à ocupação por dois séculos. Em 1803, a população fugiu e se escondeu num monastério, onde foram cercados. Quando os inimigos se aproximavam, 56 mulheres lançaram-se, uma a uma, ao precipício dançando e cantando. Elas tornaram-se heroínas anônimas da resistência.
- 11 *Monovassia*
Alteração de Monenvassia, terra natal do poeta.
- 12 *Santa Salvador*
Agiá Sofía tu Kástru (Santa Salvador do Castelo) Igreja na ilha de Míconos, onde foi enterado o famoso pirata turco Mermelechas, que lutou ao lado dos gregos na guerra da independência.
- 13 *Vaticiot*
De Vática, região ao redor da cidade de Neápolis, ao sul do Peloponeso, a antiga Vié, que compreende 12 aldeias. A cidade foi fundada pelo rei Vias, um descendente de Hércules, no segundo milênio antes de Cristo. Durante o Império Bizantino, Vié se tornou Vática, e é famosa hoje por suas cebolas, azeite e pescado.
- 14 *Santa Bárbara*
No cristianismo ortodoxo, Grande Mártir e padroeira dos artilheiros, comemorada no dia 4 de dezembro.
- 15 *São João Jejuador*
No cristianismo ortodoxo, Patriarca de Constantinopla, comemorado no dia 2 de setembro.

Sobre o Poeta:

Giánnis Ritsos (1909 Monenvassia – 1990 Atenas)

Um dos maiores – e mais prolíficos – poetas da Grécia. Sua obra completa, ainda em curso de publicação compreende 13 volumosos tomos, nos quais se encontram mais de cem coleções poéticas e composições, nove contos, quatro peças teatrais, bem como estudos e ensaios. Além disso, publicou antologias com várias traduções de poetas romenos, tchecos e eslovacos, cumpre notar,

todas são traduções diretas. Traduziu também Maiakóvski, Iesiénin e Tolstói do russo, Nazim Hikmet do turco e Fereydun Fariad do farsi.

Foi membro ativo da resistência nacional e no período de 1948 a 1952 permaneceu exilado em campos de concentração. Em 1956 foi laureado com o 1º prêmio nacional de poesia pela sua “Sonata ao luar”. Recebeu também o grande prêmio internacional de poesia da bienal de Knokk-le-zont (Bélgica, 1972), o prêmio internacional Dimitrov (Bulgária (1975), o prêmio Alfred de Vigny (França) e o prêmio Lênin da Paz (URSS), ambos em 1977.

Grecidade, bem como outros de seus poemas, foi musicada pelo compositor grego Míkis Theodorákis.